



José Cardoso Pires

## Não faz mal, é por Portugal

*“Mãe, sabe? Querem que eu vá para Lisboa para Ministro das Finanças. Mas custa-me tanto deixá-la assim...”*

Luís Teixeira, “Perfil de Salazar”

NESTE NATAL, o meu texto litúrgico foi a crónica de Ricardo França Jardim “Jour de Fête”, publicada neste jornal, um autêntico “Dies Gaudi” em vernáculo de Buñuel, onde a tragicomédia “Camões”, de Leitão de Barros, é pela primeira vez citada como um exemplo de portuguesidade. Citada e muito bem, porque obra assim, tão asseada, só é comparável àquelas que o historiador Matoso que Deus tem nos apontou por avulso durante o Império de Salazar. “A imagens tantas”, escreve Ricardo França Jardim, “o valente [“Camões”, de Leitão de Barros] apanha uma flechada num olho, mas continua a matar mouros gritando, alegre e contente: “Não faz mal, é por Portugal!” Citação oportuníssima, esta. Na cruzada benemérita que Cavaco Silva, leitor esclarecido de Camões, anda a cumprir pelo país para salvar Portugal, mais olho, menos olho, não conta, o que é preciso é convencer.

E para bem de todos nós, o Destino com maiúscula convenceu-o a sacrificar-se para a Presidência. Não mente, mesmo quando se mortifica a colorir de optimismo o desespero subversivo dos miserabilistas; não contorce, mesmo quando jura que lá fora, na Europa ultracivilizada, toda a gente nos inveja (“somos invejados”, dixit) e a declaração enlouqueceu as agências de viagens que nos viram logo invadidos por milhares de turistas curiosos de aprender o milagre da pujança económica com corrupções e tudo.

Sim, porque há corrupções mas não vêm dele — nisso, e creio que só nisso, a famosa transparência de Cavaco é intocável. Como, de resto, era regra no tempo

*Agora aí o temos em rosto de mártir, a ver se pega. Ensaia sorrisos de tolerância que nunca teve, emenda a sintaxe cultural, é o Capuchinho Vermelho desamparado. Mas na verdade revela-se um chefe de ministros que se descarta da quota das culpas que lhe cabe nos governantes que escolheu, um chefe de Partido que ignora o Partido quando o vê e se vê atacado por violentas acusações — um sacrificado, benza-o Deus.*

do Dr. Salazar, outro Galaaz providencial acima de qualquer suspeita. Outro sacrificado à democracia. Hoje como ontem, o Homem do Leme, fecha os olhos à gatunagem de bordo e cumpre o traçado da rota.

De vez em quando vêm-lhe com coisas (a Imprensa, já se sabe). Que fulano da Aviação se abotoou com uns “loopings” de comissões e, como prémio, que foi transferido para um cargo ainda mais nebuloso. Que Catroga, coisa e tal, já tinha fabricado uma reforma de 3000 dele para o que desse e viesse (o homem, nunca fiando, já tinha assegurada a queda do cavaquismo). Que o Governo, sempre mula, pensava da mesma maneira porque antes do fecho das eleições armadilhara os gabinetes de Guterres, colocando em lugares-chave centenas e centenas de militantes-comandos PSD. Que a isso, com a claridade costumada, Cavaco Silva respondeu que não tinha nada com o assunto porque não fora ele que nomeara esses espertos de emergência mas os ministros. E que os ministros, ao fazerem esse golpe malandresco actuaram de acordo com as suas competências, ponto final; tinha dito, a Imprensa que se lixasse.

“A Imprensa como sempre é que em-

polou/ Sua Excelência agiu correctamente/ O piso é de outrem embora seu familiar/ Ninguém está livre de uma coincidência”, diz um poema de Fernando Assis Pacheco. Onde está “familiar” leia-se “ministro ou homem de confiança” e fica feita a prova real.

Porque os ministros que inventam aposentações milionárias, os que armadilham a tão apregoada estabilidade social com agentes partidários ou os ex-ministros que saltam para os TAP e vão à Airbus buscar comissões têm um percurso de confiança cavaquista e dessa corresponsabilidade é que o Grande Timoneiro não se descarta facilmente; porque tanta imoralidade no convento é coincidência a mais para qualquer peregrino.

Assim como é dissidência a mais que um aliado de Antunes Varela, rancoroso ministro de Salazar, e do general Soares Carneiro, chefe do campo de concentração de S. Nicolau, nos venha alarmar com o perigo da exclusão política e social ou da sectarização da Imprensa, ele que governou dez anos de dentes cerrados e que agora escorre mel pelas narinas, que manipulou a Televisão do Estado, o Instituto do Livro ou a privatização das comunicações e que tentou, a todo o custo, fazer da Democracia uma Ditadura Parlamentar.

Agora aí o temos em rosto de mártir, a ver se pega. Ensaia sorrisos de tolerância que nunca teve, emenda a sintaxe cultural, é o Capuchinho Vermelho desamparado. Mas na verdade revela-se um chefe de ministros que se descarta da quota das culpas que lhe cabe nos governantes que escolheu, um chefe de Partido que ignora o Partido quando o vê e se vê atacado por violentas acusações — um sacrificado, benza-o Deus. Um Timoneiro que a corrente da História deixará um dia na praia a esbracejar contra o Adamastor:

— Por Portugal... Por Portugaaaaa... ●